

A Literatura de Cordel no ensino de ciências: um olhar para os folhetos do poeta Manoel Monteiro

The Cordel Literature in science teaching: a look at the pamphlets of the poet Manoel Monteiro

Mayara Gomes da Silva

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
mayaragomesec@gmail.com

Márcia Adelino da Silva Dias

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
adelinomarcia@yahoo.com.br

Patrícia Cristina de Aragão

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
patriciacaa@yahoo.com

Resumo

O folheto de cordel é um importante elemento na tessitura de saberes, que contribui motivando o aprendizado e promovendo diálogos interculturais que facilitam a compreensão de temas e/ou conceitos científicos. O objetivo deste texto é discutir de que maneira as temáticas relacionadas às ciências da natureza estão presentes nos folhetos de cordéis e como a partir destes é possível educar no contexto do ensino de ciências. Foram selecionados dois folhetos do poeta Manoel Monteiro: *O poder das plantas na cura das doenças*, onde sugere-se a sua utilização em aulas que versem sobre temas da botânica; e *O Rio São Francisco – Água a quem tem sede*, como recurso para contextualizar a temática da Transposição do Rio São Francisco. Tais folhetos aproximam a linguagem científica à linguagem dos estudantes, constituindo uma alternativa didática ou paradidática que pode ser utilizada em diferentes níveis de ensino, dependendo da finalidade com a qual serão empregados.

Palavras-chave: folhetos de cordéis, Manoel Monteiro, ensino de ciências.

Abstract:

The cordel leaflet is an important element in the fabric of knowledge, which contributes to motivating learning and promoting intercultural dialogues that facilitate the understanding of scientific themes and/or concepts. The objective of this text is to discuss how the subjects related to the natural sciences are present in the cordel leaflets and how from these it is possible to educate in the context of science teaching. Two leaflets were selected from the poet Manoel Monteiro: *The power of plants in curing diseases*, where it is suggested to use them in classes that deal with botanical topics; and *The San Francisco River – water to the thirsty*, as a resource to contextualize the Transposition of the San Francisco River. These leaflets bring scientific language to students' language, constituting a didactic or paradidactic

alternative that can be used at different levels of education, depending on the purpose with which they will be used.

Keywords: cordel leaflets, Manoel Monteiro, science teaching.

Introdução

Educação, cultura e a literatura são saberes essenciais que se entrelaçam no entendimento de uma prática que objetiva a construção da autonomia para aprendizagem, uma vez que são nas ações cotidianas que construímos culturas, identidades e práticas socioculturais, que delineiam horizontes da realidade que constituímos e nos constitui. A educação não ocorre apenas na escola, pois, boa parte do processo educacional acontece fora dos muros escolares, seja na família, no círculo de amizades, no trabalho, nas ruas, enfim, nos diversos âmbitos da vida humana (KRASILCHIK, 2008).

No contexto social, os folhetos de cordéis destacam-se como meio que integra o saber popular a outros saberes e culturas. Das feiras às universidades e destas às escolas, o poeta popular ou cordelista, por meio dos folhetos leva informações sobre os acontecimentos que ocorrem tanto na sociedade brasileira como estrangeira, no intuito de transmiti-los em rimas ao público leitor-ouvinte. E dessa maneira, os cordéis, informam, educam e trabalham cultura através da literatura.

A Literatura de Cordel, conforme Benjamin (2001), exerce função plena de comunicação intermediária, uma vez que não são apenas de entretenimento, ou informativos, mas também opinativos, didáticos, sendo, inclusive, uma ferramenta interessante de educação e popularização da ciência. Assim, o cordel constitui-se como uma alternativa metodológica que proporciona debates relacionados à identidade, possibilitando a condução dos (as) participantes ao contato com raízes histórico-culturais, o que permite, além do reconhecimento da pluralidade cultural, a interação entre o dito “erudito” e “popular” (ALMEIDA et al, 2016).

Nesse sentido, Almeida et al (2016), buscaram compreender de que forma os temas relacionados à ciência inspiravam os cordelistas, isto é, como estes poetas abordavam e se colocavam em relação a esses temas e de que maneira o universo científico estava sendo representado na Literatura de Cordel. As autoras destacaram que os cordéis conservaram-se como fonte de informação, história, cultura e reflexão sobre ciência, não apenas do Nordeste, mas de todo o país. Ainda dialogaram sobre a recente e diversificada produção acadêmica relacionada à Literatura de Cordel, evidenciando que ainda são raros os trabalhos que contemplam e/ou discutem folhetos com temáticas científicas e a inserção destes na sala de aula.

Tendo em vista que, além de seu papel sociocultural, os folhetos de cordéis são dotados de potencial educativo, dada a sua comunicabilidade, teor informativo e dialogicidade com outros saberes e culturas, o presente estudo tem por objetivo discutir de que maneira as temáticas relacionadas às ciências da natureza estão presentes nos folhetos de cordéis e como a partir destes é possível educar no contexto do ensino de ciências.

Metodologia

Este estudo é de abordagem qualitativa, de caráter descritivo, fundamentado nos pressupostos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). O *corpus* deste trabalho foi constituído por dois folhetos de cordéis do poeta Manoel Monteiro, cujas temáticas estavam relacionadas às

ciências da natureza, a saber: *O Poder das Plantas na cura de doenças* (2012) e *O Rio São Francisco – Água a quem tem sede* (2010).

As discussões foram norteadas inicialmente pela identificação da temática do cordel (autor e data, apresentação do cordel nas contracapas, subtemas e formas de abordagem); e em seguida pelas estratégias discursivas ao longo do folheto, tais como, a credibilidade das informações, a organização dos enunciados e as possibilidades da articulação dos cordéis selecionados em aulas de ciências, tendo como pano de fundo, estudos que reforçam a necessidade de estratégias que tornem o ensino de ciências mais atrativo, dinâmico e contextualizado.

Resultados e Discussão

Antes de adentrar nas discussões dos folhetos faz-se necessário tecer breves comentários sobre o cordelista do presente estudo. O poeta Manoel Monteiro nasceu na cidade de Bezerros, Pernambuco, em fevereiro de 1932 e faleceu em junho de 2014 (MONTENEGRO, 2014). Era membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, e devido a qualidade de sua densa e diversificada produção, o cordel está sendo indicado para a grade escolar de diversas cidades brasileiras, bem como adotado como referência em exames vestibulares (PAGLIUCA et al 2007).

1. Cordel “O Poder das Plantas na Cura de Doenças” – Manoel Monteiro

A primeira edição do cordel “*O Poder das Plantas na Cura das Doenças*”, foi elaborada em 2004, pelo poeta Manoel Monteiro. Para este trabalho foi selecionada a 3ª edição impressa em 2012.



Figura 1: Capa do folheto: *O Poder das Plantas na Cura de Doenças*.
Acervo de Mayara Gomes da Silva.

Nas contracapas do folheto há uma apresentação escrita pelo farmacêutico bioquímico, Ivan Coelho, que empreendeu várias pesquisas no ramo da Botânica. De acordo com Montenegro (2014), Manoel Monteiro, com o objetivo de convencer os leitores das informações

veiculadas em seu texto, elegeu um pesquisador e conhecedor das plantas medicinais para validar as informações trazidas ao longo do folheto de modo a garantir a credibilidade dos seus versos. Este prefácio marca o teor paradidático deste livreto, cujo objetivo é uma aceitação no mercado como um instrumento que tem a finalidade de transmitir ao público leitor-ouvinte conhecimentos sobre as plantas medicinais (MONTENEGRO, 2014).

Este folheto é composto por 74 setilhas (74 estrofes, cada uma contendo 7 versos). O poeta inicia contextualizando o uso das plantas medicinais na cura de doenças como uma prática desenvolvida por povos de diferentes culturas (indígena, africana, europeia), apontando que, através do contato com a natureza, o ser humano foi aprendendo e construindo saberes medicinais no processo de seleção e uso de plantas para solucionar problemas de saúde e/ou minimizar o sofrimento.

A partir daí, o autor descreve plantas de vários Estados utilizadas para o tratamento de diversas doenças, elencando que devido às características geográficas, tais plantas podem ser encontradas em abundância ou não encontradas, exemplificando ainda a variedade de nomes atribuídos a mesma planta, isto é, a nomenclatura específica de cada região. Em seguida apresenta contribuições, dos *milagres do limão*, no combate e cura de inúmeros problemas de saúde, tais como asma, mau hálito, insônia, enxaqueca, sinusite, dentre outros. O autor chama a atenção para o fato de que muitas substâncias encontradas apenas em plantas brasileiras, são patenteadas por empresas ou órgãos governamentais estrangeiros. E vai apresentando nomes populares de plantas brasileiras que curam, bem como a indicação (para que serve), formas de uso (como se prepara), dose, posologia e precauções. Nas estrofes finais, o poeta reitera que as plantas citadas ao longo do folheto têm o potencial medicinal, no entanto, isto depende do uso que se faz, ressaltando que no caso de persistirem os sintomas ou a doença é necessário buscar atendimento médico especializado.

É importante lembrar que, no contexto brasileiro, a botânica foi constituída como um saber popular antes mesmo de se desenvolver como um saber científico (GULLICH, 2003). No entanto, há marcas históricas e ainda frequentes relacionadas ao ensino de botânica, que caracterizam uma falta de reconhecimento das plantas como componentes essenciais para a biosfera e para os seres humanos, resultando numa percepção que inferioriza as plantas com relação aos animais (URSI, 2017; HERHEY, 2002). Tal falta de habilidade de percepção das plantas como integrante do cotidiano, assim como o desconhecimento das plantas da própria região foi denominada de “cegueira botânica” por Wandersse e Schussler (2001).

Além disso, Towata et al (2010) destacam que uma estratégia fundamental para melhorar a qualidade do ensino, não só da Botânica, é uma fundamentação teórica e metodológica de professoras e professores na formação inicial e continuada, que estimulem a pesquisa para a atualização de informações referentes aos conteúdos, bem como para facilitar a criação e/ou escolha de estratégias didáticas diferentes das convencionais aulas teóricas.

É nesse sentido que este folheto constitui-se como um importante aliado na aproximação do saber popular ao científico de assuntos relacionados à Botânica, uma vez que o poeta ao elencar inúmeras plantas medicinais características da região Nordeste proporciona uma abertura para que docentes de ciências possam trabalhar no âmbito da contextualização o fato da “cegueira botânica” acima citado. Além do mais, através do cordel é possível promover diálogos interculturais que superem a abordagem excessivamente conteudista, e que despertem o interesse de professores e estudantes para essa temática.

2. Cordel “O Rio São Francisco – Água a quem tem sede”

Composto por 63 setilhas, *O Rio São Francisco – Água a quem tem sede*, do poeta Manoel Monteiro, teve sua primeira edição em outubro de 2010.



Figura 02: Capa do folheto – *O Rio São Francisco – Água a quem tem sede*.
Acervo de Mayara Gomes da Silva.

Nas contracapas do folheto há duas apresentações, a primeira escrita pelo artista plástico Fábio de Brito, que enfatiza a premissa da transposição do Rio São Francisco como um sonho de aproximadamente dois séculos, que finalmente se tornará realidade, trazendo à região Nordeste a justiça esperada e merecida. Por conseguinte, o jornalista Carlos Santos Helena destaca que o próprio Manoel Monteiro vivenciou os sofrimentos advindos da seca, sendo este cordel não apenas versos rimados, mas uma manifestação de gratidão do povo nordestino.

Manoel Monteiro inicia o cordel descrevendo um cenário nordestino castigado pelo sol intenso, seca e sede, no qual a chegada das águas do Rio São Francisco seria a solução de tais problemas. No decorrer das estrofes, traz informações básicas do Rio, como o seu ano de descoberta, sua nascente, sua extensão, chamando a atenção para o fato da transposição corresponder a uma integração a nível nacional, que perpassa regiões e estados brasileiros. O cordelista reafirma o seu posicionamento sobre a transposição que, para ele, seria uma alternativa para minimizar sofrimentos seculares do povo nordestino, destacando que além de manter os rios, barragens e açudes em níveis elevados de água, a transposição contribuiria para o desenvolvimento socioeconômico e progresso da região. O cordel conta ainda com ilustrações relacionadas à sede, irrigação e abastecimento.

Como explicitado acima, este folheto foi produzido em 2010. Aproximadamente sete anos depois (2017) foi inaugurada a primeira fase do projeto de Integração do Rio São Francisco no semiárido nordestino, garantindo segurança hídrica para mais de 390 estados do Nordeste Setentrional, região que tem vivenciado historicamente problemas relacionados à escassez de água (FERREIRA, 2017). De acordo com o Ministério da Integração (2017), esse acontecimento permite o abastecimento de indústrias, empreendimentos turísticos e agrícolas, influenciando positivamente a geração de renda e desenvolvimento socioeconômico das famílias.

Por outro lado, Cunha et al (2017) chamam a atenção para a necessidade do gerenciamento sustentável das águas que chegam com a transposição, uma vez que as cidades que estão na zona de influência dessa obra ainda carecem de gestão de resíduos sólidos, saneamento básico e planejamento para o reuso de águas residuais de esgotos residenciais, industriais e comerciais. Além disso é preciso uma reeducação da população (famílias, comerciantes, industriais) quanto aos usos múltiplos da água, isto é, uma sensibilização e conscientização ambiental, pois uma grande disponibilidade de água não é sinônimo de uso e manejo desenfreado ou desregrado (CUNHA et al, 2017).

De acordo com Acioli (2010), o cordel corresponde a um “jornalismo popular” com registros de fatos sociais, numa linguagem simples, objetiva e direta, no qual os poetas populares assumem uma condição de facilitadores ou educadores, no processo de abordagem de temáticas relacionadas à educação ambiental. Ao analisar o livro resultante deste cordel, Montenegro (2014), compreende que o poeta defende a ideia de que a transposição solucionaria os problemas sociais do semiárido nordestino, no entanto, a autora ressalta estudos que elencam a necessidade do empreendimento de projetos bem elaborados relacionados à captação e utilização de águas da estação chuvosa, multiplicação de poços ou cisternas, considerando os conhecimentos sobre a dinâmica climática da região Nordeste.

Nesse sentido, sugere-se a inserção deste folheto em sala de aula, como forma de aproximar e contextualizar o tema. Tendo em vista a relevância histórico-social, econômica, política e ambiental, desse assunto, propõe-se também que professoras e professores de ciências (e áreas afins), ao problematizarem essa temática junto com a turma, pesquisem e discutam estudos mais aprofundados, por exemplo, os que analisam a dinâmica das variáveis físico-químicas dos ambientes aquáticos que estão recebendo as águas do Rio São Francisco, bem como estudos voltados à educação ambiental.

Considerações finais

Professoras e professores são mestres fundamentais na construção de uma sociedade mais justa e equânime. Parece até uma utopia olhar com otimismo e continuar acreditando que a educação transforma vidas, principalmente quando “*os tempos são duros para sonhadores*”. No entanto, a escola continua sendo um campo fértil para semear ideias e práticas que despertem o senso crítico e político das pessoas, no sentido de que percebam a sua historicidade, cultura e participação na construção do conhecimento, bem como os seus direitos de reivindicações e posicionamentos diante das questões sociais.

A literatura de cordel, nesse contexto, persiste como símbolo de identidade, resistência e resiliência, permeando diversos espaços com múltiplas finalidades, desde a casa de avós, até feiras, praças, escolas e universidades. Além disso, a produção poético-visual e linguagem própria, dotadas de comunicabilidade, informações e características pedagógicas, caracterizam o próprio poeta como educador.

Os folhetos discutidos neste artigo, aproximam a linguagem científica à linguagem dos estudantes, constituindo uma alternativa didática ou paradidática que pode ser utilizada em diferentes níveis de ensino, uma vez que auxilia docentes em salas de aulas na interligação de saberes, motivando o aprendizado e promovendo diálogos interculturais que facilitam a compreensão de temas e/ou assuntos científicos. Espera-se que este trabalho contribua com reflexões, caminhos ou alternativas que possam ajudar docentes e estudantes a diminuir possíveis lacunas na discussão e entendimento de assuntos científicos.

Referências

- ALMEIDA, C. S.; MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C. Representações da ciência e da tecnologia na literatura de cordel. Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso. ISSN 2176-4573, v. 11, n. 3, p. 5-25/Eng. 6-28, 2016.
- ACIOLI, A. S. Literatura popular como ferramenta para a educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental** (RevBEA), v. 5, n. 1, p. 76-83, 2010.
- BENJAMIN, R. Folkcomunicação: os veículos de manifestação da cultura popular. In: **MÍDIA FOLCLORES. O estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão**. Cátedra UNESCO/Umesp e Faculdades Maringá. Maringá/São Bernardo do Campo, 2001.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Projeto de integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional. Relatório de Impacto Ambiental – RIMA. Disponível em: <<http://www.integracao.gov.br/documents/10157/3678963/Rima+-+Relat%C3%B3rio+de+Impacto+Ambiental.pdf/4324863d-cbff-4522-9bd0-eab9d34b8fe2>> Acesso em: março de 2018.
- CUNHA, B. P.; SILVA, J. I. A. O; FARIAS, T. Q. A integração do rio São Francisco, saneamento, resíduos sólidos e água: algumas linhas de análise sobre o direito às cidades sustentáveis. **Revista de Direito da Cidade**, vol. 09, nº 3. pp. 1085-1119.
- FERREIRA, J. G. A transposição das águas da bacia do rio São Francisco no contexto da resposta à seca do Nordeste. **Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade** (ANPPAS), 2017.
- GULLICH, R.I.C. Ensino de botânica: Metodologias, concepções de ensino e currículo. 2003. 176f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação nas Ciências do Programa de pós graduação) – Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2003.
- HERSHEY, D.R. Plant blindness: “we have met the enemy and he is us”. **Plant Science Bulletin**, v. 48, n. 3, p. 78-85, 2002.
- KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. São Paulo: Edusp, 2008.
- MONTEIRO, M. **O poder das plantas na cura das doenças**. 3.ed. Campina Grande: Paraíba, Brasil. Agosto de 2012.
- MONTEIRO, M. **O Rio São Francisco – Água a quem tem sede**. 2. ed.. Campina Grande: Paraíba, Brasil. Outubro de 2010.
- MONTENEGRO, M. S. M. Manoel Monteiro e as várias faces do texto de cordel. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2014.
- PEREIRA, L. M. G.; ROMÃO, E. P.; PANTOJA, L. D. M.; Paixão, G. C. O cordel no ensino de microbiologia: a cultura popular como ferramenta pedagógica no ensino superior. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 8, n. 4, 2014.
- TOWATA, N.; URSI, S.; SANTOS, D. C. Análise da percepção de licenciandos sobre o ensino de botânica na educação básica. **Revista da SBEnBIO**, v. 3, p. 1603-1612, 2010.
- URSI, S. Texto para Aula introdutória - Cegueira Botânica: um obstáculo à aprendizagem. Recursos e Estratégias para o Ensino de Botânica – 2017. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3101035/mod_folder/content/0/texto%20-%20cegueira%20botanica%202017.pdf?forcedownload=1> Acesso em: fevereiro de 2018.
- WANDERSEE, J.H.; SCHUSSLER, E.E. Towards a theory of plant blindness. **Plant Science Bulletin**, v. 47, n. 1, p. 2-9, 2001.